

A Representação do Gênero nos Livros Didáticos de História da RSE

LUCIANA GERUNDO HORNES¹

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é perceber como as mulheres são representadas nos livros didáticos de história da Rede Salesiana de Escola. Esse artigo se propõe a fazer uma análise sobre os discursos de gênero presentes no livro didático do 8º Ano do Ensino Fundamental.

A proposta Salesiana, fundamentada na razão, na religião e no amor educativo, está presente tanto nos conteúdos, como nos métodos e meios, visando o desenvolvimento crítico do educando, de modo a torna-lo capaz de elaborar o seu próprio projeto de vida pessoal.

Palavras chaves: livro didático, gênero, mulheres.

ABSTRACT

The objective of this work is to understand how women are represented in history textbooks of School Salesian of Net. This article proposes to do an analysis on gender discourse present in the textbook of the 8th year of elementary school.

The Salesian proposal, fundament on reason, religion and education in love, is present both in the content, as in the methods and means, to develop critical learner, so it becomes able to develop your own personal life project.

Keywords: textbooks, gender, women.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação de História da Universidade Federal do Rio Grande - FURG

GÊNERO: UM NOVO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

A categoria gênero tem história recente na historiografia contemporânea. A análise histórica sobre esse tema passou pela história das mulheres e pela história social.

Desde o século XIX, quando a história passa a ser vista como uma disciplina científica, o papel das mulheres sempre foi visto subordinado à presença e a representação dos homens. Observamos no decorrer da história “tradicional”, que por muito tempo, os homens foram os únicos historiadores dando ênfase aos assuntos políticos enfatizando a figura dos militares, dos imperadores, reis presentes e atuantes numa história pública e nacional.

Este estudo busca fazer uma análise de conteúdo temático da questão gênero relacionando sua representação presente nas relações humanas e conseqüentemente gerando um sentido a organização e à percepção do conhecimento histórico.

Ao direcionar os estudos à questão de gênero observamos que esta temática faz parte de uma “construção social”, portanto faz-se necessário pensar que a organização social de gênero é muito instável e por conseqüência depende das variadas determinações e relações de poder. Perceber essas relações e suas respectivas construções de gêneros, pode nos apontar a várias possibilidades de mudanças de paradigmas já devidamente estabelecidos e legitimados. Segundo Maria Odila Leite da Silva Dias, em Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano, aponta que os primórdios dessa temática foi colocada através da Escola dos Annales.

A partir de um novo olhar sobre a imagem das mulheres como sujeitos históricos válidos Lucien Febvre e Marc Bloch, ampliaram as possibilidades para a história das mulheres, proporcionando “o desenvolvimento de conceitos capazes de relacionar o cotidiano dos seres individuais e concretos aos sistemas abstratos e aos processos históricos em que estavam inseridos”.²

Esse novo olhar proporcionou um campo fértil para o estudo da história das mulheres.

² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 47.

A história das mulheres nasceu junto com o movimento feminista, de acordo com Michelle Perrot, “o desenvolvimento de uma antropologia histórica onde o estudo da família e os papéis sexuais estavam em primeiro plano”.

Quando os historiadores sociais passam a observar novos objetos de estudo, o gênero acabou revelando novas temáticas para serem abordadas como: o estudo das mulheres, das crianças, as famílias e as ideologias presentes nos gêneros.

As primeiras manifestações feministas estão cercadas no movimento voltado para estender o direito de voto às mulheres. No entanto, inicia-se na década de 1960, preocupações em teorizar esse tema, surgindo estudiosas e militantes que buscavam problematizar o conceito de gênero. Militantes feministas que estavam inseridas no mundo acadêmico, vão trazer para o interior das universidades e escolas, as temáticas que agora se tornavam cada vez mais questões a serem discutidas e conseqüentemente debatidas no âmbito acadêmico. Surge, portanto, os estudos da mulher.

A partir dos anos 80, os estudos feministas passam a ter um caráter legítimo e institucional. Portanto, o mundo das mulheres passa a fazer parte do mundo dos homens. Nesse contexto, a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas ocasionando a sua ampla invisibilidade como sujeito, a mulher que antes pertencia apenas no mundo privado, gradativamente vai ocupando o mundo público.

Vale ressaltar que os estudos feministas mostraram que quando as mulheres exerciam atividades fora do lar, essa atividade era geralmente representada como um trabalho secundário, “de apoio”, muitas vezes ligados à assistência, ao cuidado ou à educação. Esses mesmos estudos também iriam denunciar a ausência feminina nas ciências, nas letras, assim como nas artes.

Através dos estudos das áreas de Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura, etc., são apontadas as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino.

Aos poucos o estudo sobre assuntos ligados ao feminismo, vai se tornando fonte de debates e discussões sobre diversas temáticas. Nesse momento, o termo gênero começa a ser discutido e trabalhado, é o que salienta Joan Scott:

a categoria Gênero, se proponha, para a análise histórica pretende compreender e explicar significativamente o caráter relacional, transversal e variável dessa categoria analítica. Gênero é uma categoria de análise histórica, cultural e política, e

expressa relações de poder, o que possibilita utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança. (SCOTT, 1992).

Enquanto nos Estados Unidos, Joan Scott trabalha com a união entre o feminismo e a história das mulheres, na França, Michelle Perrot questiona o lugar da história das mulheres dentro da disciplina de história. A autora mostra através dos seus trabalhos, os diferentes caminhos percorridos pela história das mulheres.

No início eram apenas preocupações de âmbito de dominação e opressão, passando para uma preocupação maior em dar visibilidade a mulheres guerreiras, ativas, com isso tentando criar uma cultura feminina.

No entanto, a busca das historiadoras, tanto as francesas, como as norte-americanas, de primeiramente encontrar um espaço para as mulheres na história e por último transformá-las em categorias separadas dos homens, está entrelaçada com o pensamento do movimento feminista.

As historiadoras feministas, segundo Júlia Kristeva, em seu texto “Tempo das Mulheres”, aponta que a primeira geração de feministas procurou ganhar um lugar no tempo linear. Essa geração negava todas as características femininas ou maternais. No entanto, não conseguiu ultrapassar a capacidade da cultura hegemônica.

A segunda geração buscou uma reafirmação da psicologia feminina e toda a sua simbologia. Essa geração rejeitou o tempo linear em favor de uma temporalidade monumental e cíclica. Essa geração era totalmente separatista. No dizer de Joan Scott e Michelle Perrot, construíram um “gueto” na academia. Já a terceira geração busca aliar o ingresso na história e a afirmação das diferenças, exigindo, portanto seus direitos.

No Brasil, foi já no final dos anos 80 que as discussões sobre essa temática se tornam mais ampla. As feministas começam a trabalhar com as questões de gênero. A questão agora é buscar entender como o gênero constrói uma identidade.

GÊNERO E LIVRO DIDÁTICO

Em tempos de mudança na educação escolar, a Rede Salesiana de Escola (RSE), a partir do ano de 2002, adota uma nova proposta de ensino e aprendizagem, dividindo as regiões do Brasil por polos e integrando todas as escolas salesianas à Rede com o intuito de unir as escolas a fim de estabelecer a mesma proposta educativa baseada nos princípios de Dom Bosco. Dessa forma, foi estabelecido como princípio norteador, para garantir a unidade e os interesses pedagógicos e religiosos da Congregação, o Marco Referencial do Projeto Pedagógico da RSE, finalizando e implantado no Brasil em 2005. De acordo com o projeto, os livros didáticos são considerados componentes fundamentais para a efetivação da Proposta Pedagógica no Brasil, ou seja, a RSE passou a produzir e comercializar seu próprio material didático em todas as escolas salesianas do Brasil.

O material didático de história caracteriza-se por explicitar uma proposta diferenciada no ensino de história, pois o mesmo foi embasado no Projeto Pedagógico da RSE, pautado no Sistema Preventivo de Dom Bosco.

No que concerne à análise da concepção historiográfica que direciona o conteúdo de história, percebe-se uma intencionalidade dos autores em aproximar os conteúdos abordados no livro didático com a historiografia pautada na Nova História³.

No discurso dos autores ao selecionar os temas da coleção, procurou-se: “dar visibilidade e voz aos grupos sociais no interior das sociedades ou a povos com cultura diferente da ocidental: povos muitas vezes silenciados e excluídos da memória histórica” (Rota Machado, 2009, p. 39).

Os autores ainda completam dizendo que entendem a história como uma prática social em que o diálogo entre o passado e o presente permite “recuperar” ações e representações da ação dos diversos sujeitos que participam ou participaram da história. Procuram entender os desafios e conflitos em cada tempo e lugar de modo a perceber como os sujeitos enfrentaram os desafios e conflitos.

³ A Nova História é uma corrente historiográfica que, de acordo com Burke (1992), conquistou espaço na historiografia com os escritos de Le Goff da década de 1970 e 1980, principalmente os três volumes “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”. Aos poucos, também conquista espaço entre os historiadores e conseqüentemente influencia na maneira de pensar e elaborar o conhecimento histórico a ser ensinado em sala de aula. Assim, a partir das décadas de 70 e 80, novos olhares foram direcionados para a escrita da História, buscando um direcionamento para as análises culturais dos acontecimentos históricos, assim como a utilização de novas fontes e outras vozes antes não ouvidas. Ou seja, na Nova História, o historiador faz parte do movimento da História trazendo uma multiplicidade de enfoques. É uma história problema que pretende uma nova maneira de pensar, sentir e fazer História, estendendo-se da produção acadêmica para o contexto escolar, principalmente nas discussões sobre os novos direcionamentos na elaboração do currículo escolar.

Nessa perspectiva, esse artigo tem por finalidade investigar como as mulheres são representadas nos livros didáticos da RSE.

Como assinalam Duby e Perrot (1993, p. 8), da Antiguidade aos dias atuais, a escassez de narrativas nas quais as mulheres apareçam como protagonista contrasta nitidamente com a profusão de imagens que temos sobre elas. Por esse motivo, se os historiadores durante tanto tempo se negaram a conferir uma importância singular às mulheres nas narrativas que elaboravam sobre o passado, isso se devia mais a um apego excessivo à cartilha positivista, que conferia ao documento escrito a primazia na produção do relato historiográfico, do que propriamente à ausência de fontes que pudessem nos revelar nuances de particularidades da condição feminina e da contribuição das mulheres para a dinâmica da história.

Por esse motivo é necessário que a escola reflita sobre a sua função como instituição da sociedade, para que seu projeto pedagógico possa tornar-se real.

A escola, portanto, não pode estar voltada exclusivamente para a informação. Não é essa a sua função. Sua função é a formação das novas gerações para o mundo do conhecimento. Por isso, a informação só terá importância na escola se for usada para alcançar o conhecimento.

Olhando dessa maneira, nessa nova perspectiva, é necessário dar voz aos esquecidos, aos silenciados que durante muito tempo estavam inseridos numa narrativa androcêntrica. Nessa nova construção do saber, através dos livros didáticos produzidos pela RSE, a questão de gênero e sua relação com a construção sócio-histórica, a mulher passa a ser vista como um sujeito histórico, dotado de consciência e de capacidade de intervenção na realidade, possibilitando a sua visibilidade social. Essa abertura e principalmente essa ruptura com a historiografia tradicional, ocasionou a escolha pela História Nova Cultural, possibilitando uma maior abrangência “trans-histórica” e conseqüentemente, a inclusão da mulher como objeto de conhecimento e como sujeito ativo do processo histórico.

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DA RSE

Na seleção do livro didático de história da RSE, foi analisado o livro do 8º ano do Ensino Fundamental, com vistas a observar a narrativa nele contida, a inserção da história das mulheres e sua respectiva participação nos processos históricos.

Ao observarmos o livro didático selecionado da Coleção do Ensino Fundamental, percebemos uma preocupação constante em valorizar a participação das mulheres nas questões históricas.

O livro didático do 8º ano, tem como preocupação e eixo norteador, trabalhar com os assuntos relacionados aos Movimentos Sociais e suas respectivas lutas da população por justiça e direitos, observando com isso, toda a forma de organização da sociedade ou o exercício de poder exercido em diversos momentos da história. O trabalho de análise deu-se principalmente sobre o “corpo” textual do livro. Nossas unidades de leitura foram os capítulos, incluindo os demais textos complementares.

Diante da temática analisada, faremos uma breve análise buscando verificar em seus conteúdos, a presença e a abordagem dada à mulher, marcando pontualmente, os momentos em que menções e explicações são realizadas.

O livro é composto por três unidades. A primeira visa mostrar a interação entre os diversos grupos sociais ao longo da história, atribuindo a cada uma dessas formas, uma dinâmica própria que as identifica e ao mesmo tempo, diferencia.

Ao olharmos os movimentos sociais, percebemos as diferentes formas de luta e resistência, dando oportunidade aos educandos de analisar as permanências que continuam ocorrendo em nossos dias.

Na unidade 02, o livro didático, trabalha com o processo de construção de Estados independentes, estabelecendo novas relações políticas, econômicas e culturais, nos moldes da Revolução Inglesa e Americana.

E por último, na unidade 03, os assuntos abordados estão inseridos no projeto de uma sociedade como a socialista. Se ela indica possibilidades históricas no contexto atual e também é colocado em questão o papel da democracia, onde a mesma acaba justificando as guerras e os massacres cometidos em seu nome.

Para a abordagem a respeito da mulher e sua respectiva participação nos processos históricos verificamos a presença de uma grande quantidade de referências sobre algum tipo de participação da mulher na História, acompanhadas de imagens e também notas explicativas.- Cap. 01: um pouco da história do Japão, o livro faz menção ao papel importante

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

na literatura japonesa, resgatando a autora do séc. XI. Murasaki Shikibu, que escreveu com 630 mil palavras a história de Genji, considerado o primeiro romance escrito em qualquer língua do mundo e um clássico da literatura japonesa. p. 33

- Cap. 02: escravidão hoje, em todos os lugares. O livro aborda o tráfico de seres humanos, levantando a problemática da exploração sexual sofrida pelas mulheres. p. 71

- Cap. 03: escravos e escravismos mostra um documento que faz parte de um processo que apurava o caso de tráfico negreiro ilegal, flagrado graças ao encalhe, em 29 de outubro de 1851, do navio “Relâmpago”, procedente de Lagos, na Nigéria. Onde faz uma descrição de uma escrava de 16 anos. P.87

- Tereza, líder do Quilombo Queriterê, localizado próximo ao rio Piolho, no final do século XVIII. p. 95

- Imagens de Clementina de Jesus (cantora) e de Carolina Maria de Jesus (escritora), texto a luta dos dias atuais.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Clementina de Jesus (1902-1987) cantora



Machado de Assis (1838-1908) jornalista e escritor



Solano Trindade (1908-1974) poeta



Pixinguinha (1898-1973) músico e compositor



Cruz e Souza (1861-1898) poeta



Adhemar Ferreira da Silva (1927-2000) atleta



Carlos Gomes (1836-1896) músico, compositor e maestro



Crispim do Amaral (1858-1911) pintor, desenhista, caricaturista e cenógrafo



Heltor dos Prazeres (1898-1966) compositor



Luis Gama (1830-1882) poeta, jornalista e advogado



Carolina Maria de Jesus (1914-1977) escritora



Grandia Otelo (1915-1999) ator



Milton Santos (1926-2001) bacharel em Direito, doutor em Geografia e professor

José do Patrocínio (1853-1905) farmacêutico, jornalista, orador e romancista



- Cap. 04: Dorotéia Joaquina de Seixas – a Marília, Barbara Heliodora e Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, as mulheres da Inconfidência Mineira. Hipólita foi quem denunciou Joaquim Silvério dos Reis e avisou o restante do grupo sobre a prisão de Tiradentes. p. 134
- Cap. 05: a participação da princesa Leopoldina no período que antecede a Independência do Brasil. p. 150
- Leitura da obra Sessão do Conselho de Estado, pintada em 1922, onde a Imperatriz Leopoldina, esposa de D. Pedro, preside a sessão do Conselho de Estado às vésperas da Declaração de Independência do Brasil. p. 154
- Maria Quitéria de Jesus Medeiros, a primeira mulher a fazer parte de uma unidade militar no Brasil (Guerra da Independência da Bahia). p. 161
- Cap. 07: representação das mulheres na Revolução Industrial. p. 233

- Imagem da mulher no período da industrialização do Brasil. p. 240

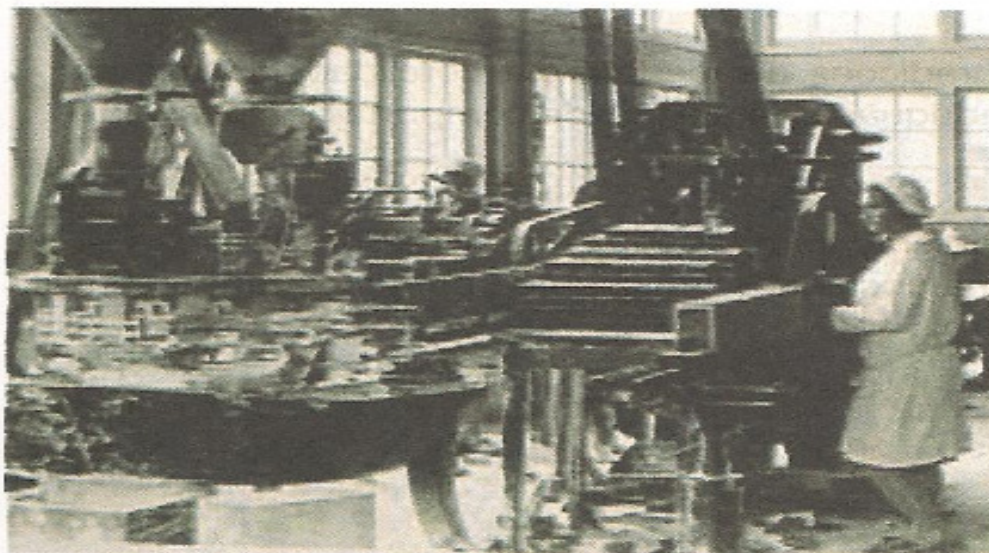


Fig 5 – Refinações de Milho Brasil, em 1930: setor alimentício é uma das pontas da industrialização em São Paulo. Foto: Reprodução/ Sommer Andrey. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/img/arte/178-Muitas-historias02.jpg>

CONCLUSÃO

Partindo-se da breve análise sobre a presença do gênero feminino no conteúdo dos livros didáticos de história, do ensino fundamental da RSE, confirma-se a inclusão da mulher dentro da história. A quantidade de documentos e imagens, reforça a participação feminina na história.

Dos sete capítulos que se constrói o livro didático, seis fazem referência a mulher, como sujeito ativo do processo histórico.

Os registros dessas ações são sempre vestígios tênues do que foram, de fato, esses momentos, sendo possível resgatar essas memórias, passamos a analisar e refletir sobre elas, à luz das novas descobertas e ressignificar o passado histórico.

Podemos perceber a presença de uma discussão real sobre a questão de gênero no livro didático de história da RSE, onde o mesmo conseguiu abarcar as práticas historiográficas onde a mulher é parte real da formação histórica, cuja visibilidade permite a sua construção

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

sócio histórica e sua respectiva relação com a totalidade social, produzindo condições reais da existência de indivíduos antes totalmente esquecidos.

FONTES

ZENUN, Katsue Hamada e. História: ensino fundamental, 8º ano. / Katsue Hamada e Zenun e Mônica Markunas. 2ª edição. Brasília: Cisbrasil – CIB, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. - 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____ (org.). O saber histórico na sala de aula. 11. ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Livros didáticos entre textos e imagens. O saber histórico na sala de aula. São Paulo, Contexto, 2009.

CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

_____. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990

_____. O mundo como representação. In Revista Annales (NOV- DEZ). 1989, Nº 6. Tradução In: Estudos Avançados, 1991.

_____. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PAULISTA

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes- {São Paulo}: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998

_____. Cultura escrita, literatura e história. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e métodos dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DUBY, G. & PERROT, M. História das mulheres: a Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1993.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____. Caminhos da história ensinada. Campinas, SP: Papirus, 1993.

KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. – 5. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques. A história nova. 4 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

_____. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques. História: novos objetos. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1976.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 2008.

_____. “Gênero, História e Educação: construção e desconstrução.” Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

_____. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

LUCA, Tânia Regina de. Livro didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas. In: ROCHA, Helenice Aparecida; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. A História na escola: autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MONTEIRO, Ana Maria. Professores e livros didáticos: narrativas e leituras no ensino de História. In: ROCHA, Helenice Aparecida; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. A História na escola: autores, livros e leituras. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MONTELLATO, Andrea; CABRINI, Conceição; JÚNIOR, Roberto Catelli. História Temática: o mundo dos cidadãos. São Paulo: Scipione, 2001.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais de História. Secretaria da Educação. MEC. Brasília. 1998.

PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 185.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Novos temas nas aulas de História. São Paulo: Contexto, 2009.

_____ (org.). Fontes históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PINSKY, Jaime. O ensino de História e a criação do fato. ver. e atual. – São Paulo: Contexto, 2009.

RSE - PROJETO PEDAGÓGICO - Marco Referencial. São Paulo: Salesiana, 2005.

SCOTT, Joan W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1998.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

WOODWARD, k. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. D. (org.); HALL, S.; WOODWARD, k. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.